

morte de um homem que escreveu longas páginas da vida política de seu Estado natal.

Com a morte de Arnon de Mello perde o Senado da República mais um dos seus grandes nomes; um daqueles nomes com larga folha de serviços prestados à vida pública brasileira.

Era o que tinha a dizer. (Muito bem!)

O Sr. Luiz Viana — Sr. Presidente, peça a palavra.

O SR. PRESIDENTE (Moacyr Dalla) — Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Viana, para encaminhar a votação.

O SR. LUIZ VIANA (PDS — BA. Para encaminhar a votação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

É natural que muitos dos nossos companheiros aqui presentes, inclusive os que já se manifestaram de maneira tão eloquente sobre o passamento de Arnon de Mello, estejam se lembrando de Arnon de Mello, que nós conhecemos no Senado mas que, na realidade, já é Arnon de Mello da fase da decadência — a dolorosa fase que atravessou nos últimos anos de vida, atingido por uma cruel moléstia.

Eu, entretanto, me lembro de outro Arnon de Mello, o Arnon de Mello da mocidade, o Arnon de Mello que conheci nos idos de 45, 46, com uma mocidade estuante de entusiasmo, de inteligência, de capacidade e de trabalho. Era o grande jornalista dos *Diários Associados*, e foi aí, creio eu, que iniciou a sua brilhante carreira de homem público, de homem de imprensa. Foi ele, em 46, um dos grandes entusiastas, um dos grandes trabalhadores da candidatura do Major-Brigadeiro Eduardo Gomes. E nada do que era possível se fazer ou imaginar, para levar à vitória um candidato, Arnon de Mello, deixou, então, de fazer.

Realmente, pela sua inteligência, mas sobretudo pelo entusiasmo que lhe era próprio, ele era, entre nós — aqueles que formaram ao lado de Arnon de Mello — uma figura marcante e uma figura querida, porque, ao lado dessas qualidades de inteligência e de trabalho, ele possuía uma irradiante simpatia. E foi justamente com essas qualidades que veio a ter assento no Congresso brasileiro e a governar o seu Estado de Alagoas, o que fez numa fase difícil, mas demonstrando sempre uma grande bravura, ao lado também de um espírito de grande tolerância.

Foi justamente por essas raras qualidades que ele se afirmou, nos últimos tempo, ou talvez nas últimas décadas, como o grande chefe político, o grande líder do Estado de Alagoas.

Depois, a moléstia o atingiu. Então, nós vimos outro Arnon de Mello, para tristeza nossa, já sem a capacidade para se afirmar com aquele entusiasmo, com aquela capacidade de trabalho.

Mas isso tudo, Sr. Presidente, não faz menor nem o nosso pesar nem a tristeza da nossa lembrança.

Mas o que eu quero dizer à Casa é que de Arnon de Mello, o que realmente vai ficar na História do Brasil, e sobretudo na História do Estado de Alagoas, é aquele outro Arnon de Mello, dinâmico, trabalhador, cheio de entusiasmo, cheio de confiança na vida pública brasileira e nos ideais pelos quais tanto trabalhou.

Era o que tinha a dizer. Sr. Presidente. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (Moacyr Dalla) — Concedo a palavra ao nobre Sr. Senador Passos Pôrto.

O SR. PASSOS PÔRTO (PDS — SE. Para encaminhar a votação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Algumas palavras, também, em homenagem a Arnon de Mello. Conheci-o num dos períodos mais fascinantes da política brasileira. Ele, jornalista, da geração de Da-

vid Nasser, de Rubem Braga, de Joel Silveira, e de tantos outros, que se instalaram, naquela época, na vanguarda da restauração democrática do nosso País, ele, na cadeia associada, então a maior empresa jornalística do País, comandava aqueles primeiros instantes em que o Brasil voltava à normalidade democrática.

Eleito Deputado Federal, em 1950, logo após, assumia o comando de uma campanha política, nas Alagoas, das mais fortes e das mais violentas que há na História daquele Estado, porque ele comandava um grupo de homens livres que combatia a então oligarquia dos Góes Monteiro. Foi companheiro dele o nosso eminente Senador Teotônio Vilela, o nobre Senador Luiz Cavalcante e tantos outros que fizeram aquela campanha memorável e que conquistaram o primeiro governo da UDN no Nordeste, fazendo, então, ele, naquele Estado, uma das administrações mais fecundas e mais exemplares da História da Região.

Depois, Sr. Presidente, o nobre Senador Arnon de Mello, eleito para esta Casa, aqui esteve durante três mandatos, onde se transformou num grande estudioso dos problemas brasileiros. Deve ter sido, sem dúvida alguma, a maior autoridade, nesta Casa, em energia nuclear. Ainda fui seu companheiro na Comissão Parlamentar de Inquérito que examinava o Acordo Brasil-Alemanha, e suas manifestações eram sempre de prudência e de apoio ao acordo que viria trazer a tecnologia e os conhecimentos sobre esse importante setor da energia.

Arnon de Mello, Sr. Presidente, viveu nesta Casa instantes felizes e infelizes. Aqui mesmo, este plenário foi palco de um instante difícil e memorável de sua vida. Violentado nas suas emoções, reagiu, num instante difícil e, lamentavelmente, perdi-se a vida de um Senador e ele ia para a cadeia onde tive oportunidade de visitá-lo, em solidariedade, naquele instante difícil de sua vida. Um homem pacífico, um homem de formação cristã, foi, naquele instante, tangido pela emoção a fazer um desvario que ele pagou muito caro, que deve ter tido muita importância, já na fase de decadência de sua vida.

Hoje, Sr. Presidente, estamos todos lamentando o desaparecimento daquele grande homem público. Casado com D. Leda, filha de um dos maiores eminentes homens públicos deste País, que foi Lindolfo Collor, deixa ele, no Congresso Nacional, um seu filho, o Deputado Fernando Collor de Mello, ex-Prefeito de Maceió, que por certo haverá de continuar a trilha luminosa de seu pai.

Ao subscrever, Sr. Presidente, o requerimento desta tarde, solidarizo-me com sua família, com o governo de Alagoas e com a própria instituição parlamentar, em nome do meu pequeno Estado de Sergipe, que foi seu vizinho e que sempre admirou essa figura excepcional de homem público. (Muito bem!)

O SR. LOMANTO JÚNIOR — Peço a palavra, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Moacyr Dalla) — Concedo a palavra ao nobre Senador Lomanto Júnior.

O SR. LOMANTO JÚNIOR (PDS — BA. Para encaminhar a votação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente e Srs. Senadores:

Fomos todos surpreendidos, embora já esperado, com a morte de Arnon de Mello.

Eu o conheci quando ainda militava nas lides estudantis, sob a liderança de Nelson Carneiro, de Luiz Viana, na antiga e nunca esquecida ala autonomista que se transformou, posteriormente, no Partido Libertador. Vi-o ainda jovem. Era, sem dúvida alguma, um homem de coragem cívica, um homem de bravura e de inteligência privilegiada.

Companhei, de certo modo, a trajetória luminosa de sua vida. Deputado Federal em 1950, logo em seguida, renuncia ao mandato e vai para uma disputa das mais te-

nazes, das mais difíceis e vigorosas, no seu querido Estado de Alagoas, para atingir a curul governamental, governa com brilho e entusiasmo, com competência e, sobretudo, com espírito público, tanto é que consegue, acredito que quase um recorde, na sua Unidade federativa: é mandado pelo povo das Alagoas, por três vezes, para representá-lo no Senado da República.

Quem o conheceu vibrante, quem o conheceu com aquela lucidez invejável, quem o conheceu com aquela capacidade de luta e de resistência, assistiu também, não diria o epíteto da sua existência política, não diria mesmo o pôr-do-sol daquela luminosidade que a todos iluminava, contagiava, e aquecia. Vimos um Arnon diferente, quando para aqui cheguei. Moléstia perniciosa, irreversível, de uma precocidade das mais lamentáveis, modifica a personalidade, modifica o talento e sem dúvida alguma, praticamente faz desaparecer aqueles raios luminosos a que me referi há pouco, que a todo iluminava, contagiava e aquecia. Vimos sair daqui do Senado, não mais aquele vibrante orador, não mais aquele lutador admirável, mas um homem abatido, um homem sofrido, um homem que já não possuía aquela invejável lucidez.

A vida é assim mesmo, a vida tem destas coisas, sobretudo a vida do homem público. Ele se desgasta, ele sofre injustiças, ele submete a sua dignidade, a sua honra todo o dia, cotidianamente, ao polvorinho da maledicência pública. Todos nós sabemos dos seus pesares da política, das lutas que empreendeu, das decepções que teve que enfrentar, dos cometimentos que, involuntariamente, procedeu. Ainda há pouco, o Sr. Senador Passos Pôrto revelou uma faceta em que ninguém poderia acreditar, se ela não tivesse acontecido: seria possível Arnon de Mello cometer um atentado à vida de alguém?

Era um homem admirável. Disse bem V. Ext o Sr. Senador Passos Pôrto e disse bem o Sr. Senador Luiz Viana: a figura de Arnon, a que vai permanecer na História das Alagoas e a figura do combatente, é a figura do lutador, é a figura do político que, não me canso de repetir, pertence, como dizia o velho e inesquecível Mangabeira, à família dos desgraçados.

Choramos todos nós, todos os que tivemos o privilégio de privar da sua intimidade, choramos a sua morte. Muito mais choramos seus familiares: D<sup>a</sup> Leda, uma mulher inteligente, companheira e solidária em todos os momentos com o seu esposo. Como ela não deve estar a esta hora, lamentando o desaparecimento daquele seu companheiro de tantos anos.

Arnon de Mello foi um grande comunicador, foi um desbravador. Deixou marcado nas terras de Alagoas o seu espírito empreendedor. À sua passagem edificou veículos de comunicação e promoveu o progresso e o desenvolvimento daquela terra.

Feliz ainda de Arnon, pois resta a ele os filhos que deixou. E, onde quer que esteja — e todos nós desejamos que ele esteja naquele lugar reservado aos bons, aos que cumpriram com a sua missão na terra — onde quer que ele esteja, ele estará com o seu pensamento voltado para o seu sucessor da vida pública, para o seu filho, que, jovem, começa a militar nas lides do parlamento brasileiro. Acredito que sua morte, além do sentimento que vai provocar e da dor que lhe atingirá, haverá também de ser um estímulo a mais, para que ele prossiga, para que ele siga as pegadas do seu velho e saudoso pai. Tenho a certeza de que Fernando Afonso Collor de Mello haverá de ser a continuação da intrepidez, da bravura, do talento, do espírito público do seu querido e inesquecível pai.

Concluo Sr. Presidente, manifestando à Casa o meu mais profundo pesar e pedindo que ela transmita, também, que o Senador Lomanto Jr., o Senador Luiz Viana, e, por certo, se aqui estivesse, o Senador Jutahy Magalhães, todos os três transmitem, em nome do povo baiano, o profundo sentimento pela morte de Arnon de Mello. Transmito à sua esposa, aos seus filhos, a nossa solidariedade neste momento difícil, neste momento de